

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE IMPORTANCE OF STORYTELLING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

MENDES, Alesandra Rocha^{*}
SILVA, Neovanda Ferreira da^{**}
NASCIMENTO, Atenildo Santos^{***}
LIMA, Maria Aparecida Ferreira^{****}

RESUMO

A contação de histórias desempenha um papel fundamental na Educação Infantil, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Por meio da narrativa, é possível estimular a imaginação, a criatividade, a ampliação do vocabulário e a internalização de valores éticos e culturais. Este estudo aborda a prática da contação de histórias nesse contexto educacional, explorando suas múltiplas dimensões e destacando sua relevância na formação do pensamento crítico e no fortalecimento dos vínculos afetivos entre educadores e alunos. A pesquisa conclui que essa prática ultrapassa sua função pedagógica, configurando-se como uma forma de arte que transforma o processo de aprendizagem em uma experiência lúdica, envolvente e significativa para o desenvolvimento integral da criança.

Palavras-Chave: Contação de histórias; Educação infantil; Aprendizagem lúdica.

ABSTRACT

Storytelling plays a fundamental role in Early Childhood Education, contributing to children's cognitive, emotional and social development. Through storytelling, it is possible to stimulate imagination, creativity, expand vocabulary and internalize ethical and cultural values. This study addresses the practice of storytelling in this educational context, exploring its multiple dimensions and highlighting its relevance n

* Mestranda no curso de Ciências da Educação - Alesandra Rocha Mendes - graduada em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia, Pós Graduação em Gestão e Orientação Educacional, pela DARWIN, email sandraws124@gmail.com

** Mestrando no curso de Ciência da Educação - Neovanda Ferreira da Silva, graduada em Normal Superior e Geografia, pós graduada em Psicopedagogia

*** Mestrando no curso de Ciências da Educação - Atenildo Santos do Nascimento, graduado na Universidade do Estado da Bahia, Especialização em Metodologia no Ensino e Pesquisa na Educação em Psicopedagogia na Faculdade Católica de Anápolis, email atenildonascimento128@gmail.com

**** Mestranda no curso de Ciência da Educação - Maria Aparecida Ferreira de Lima, graduada em História na Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) Especializações em História e Cultura Afro-brasileira e Gestão, Supervisão e Orientação Educacional, aparecida-lima1979@hotmail.com

the formation of critical thinking and in strengthening emotional bonds between educators and students. The research concludes that this practice goes beyond its pedagogical function, configuring itself as a form of art that transforms the learning process into a playful, engaging and meaningful experience for the child's integral development.

Keywords: Storytelling; Early childhood education; Playful learning

1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil representa uma das fases mais importantes no processo de formação do ser humano, sendo responsável por promover experiências que favorecem o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos cognitivo, emocional, social e cultural. Nesse contexto, a contação de histórias configura-se como uma prática pedagógica rica e significativa, pois vai além do entretenimento e se transforma em uma ferramenta essencial de ensino-aprendizagem. Ao ouvir histórias, as crianças são convidadas a mergulhar em mundos simbólicos que despertam a imaginação, promovem a empatia e fortalecem os vínculos afetivos com o educador e com os colegas.

Diversos estudos apontam que a narrativa oral contribui diretamente para o desenvolvimento da linguagem, para a construção do pensamento crítico e para a formação de valores éticos, além de ampliar o repertório cultural dos alunos (Caetano et al., 2021; Davim et al., 2018). A atuação do professor como mediador e contador de histórias é fundamental nesse processo, pois exige sensibilidade, criatividade e domínio de estratégias que tornem a experiência de escuta envolvente e significativa.

Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar o papel da contação de histórias na Educação Infantil, evidenciando seus benefícios pedagógicos, afetivos e sociais. Através de uma abordagem qualitativa e revisão bibliográfica, busca-se compreender como essa prática pode ser utilizada de forma intencional para favorecer o desenvolvimento integral da criança, transformando o ato de contar histórias em uma arte educativa que encanta, ensina e transforma.

2. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, fundamentada

em uma pesquisa bibliográfica. O objetivo foi compreender a prática da contação de histórias na educação infantil, seus principais objetivos, benefícios e elementos constitutivos. Conforme aponta Gil (2010), a revisão da literatura constitui uma etapa indispensável em qualquer investigação científica, pois permite uma visão ampla e crítica do conhecimento já produzido sobre o tema, além de auxiliar na identificação de lacunas, na formulação do problema e na justificativa da pesquisa.

A estratégia metodológica envolveu a definição criteriosa de palavras-chave, selecionadas com base em termos recorrentes identificados durante leituras preliminares de obras e artigos especializados. As expressões mais utilizadas foram: *contação de história*, *educação infantil* e *educação*. A busca foi realizada em bases de dados acadêmicas reconhecidas, com o intuito de localizar produções relevantes e metodologicamente rigorosas.

Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos materiais foram: publicações em periódicos científicos revisados por pares; estudos publicados nos últimos dez anos, com o objetivo de garantir a atualidade das informações; e textos que abordassem de maneira direta os temas centrais da pesquisa. Por outro lado, foram excluídos estudos cujo conteúdo não apresentava relação direta com o objeto investigado, trabalhos identificados como de baixa qualidade metodológica ou sem revisão por pares, e publicações cujos resumos não indicavam relevância para os propósitos do estudo.

Após a coleta inicial, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos dos documentos encontrados, de modo a filtrar aqueles que atendiam aos critérios definidos. Em seguida, realizou-se uma análise minuciosa dos textos completos selecionados, a fim de confirmar sua pertinência, qualidade e potencial de contribuição para os objetivos do trabalho. Foram extraídas informações essenciais de cada estudo, como objetivos, metodologias, resultados e conclusões, permitindo a elaboração de uma síntese interpretativa que destacou as principais convergências, divergências e contribuições presentes na literatura.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

A contação de histórias é uma das formas mais antigas de expressão cultural

da humanidade, sendo considerada uma arte ancestral que antecede a própria escrita. Segundo Matos (2016), ela constitui uma fonte rica de experiências e de estímulo ao conhecimento, à imaginação e à criatividade das crianças. Para Vieira (2014), a prática surgiu da necessidade de transmitir vivências e conhecimentos entre gerações, desde os tempos das pinturas rupestres, passando pelas tradições orais preservadas por povos antigos. Os anciãos, nesse contexto, exerciam o papel de guardiões das narrativas, sendo responsáveis por aconselhar e ensinar por meio das histórias.

Com o tempo, a contação de histórias foi se transformando. Os primeiros livros destinados ao público infantil surgiram apenas no século XVIII, com os contos de fadas. No entanto, como ressalta Caiado (2017), no início do século XX os livros didáticos para crianças tinham como finalidade principal a instrução moral e disciplinar, muitas vezes negligenciando o aspecto lúdico e a valorização da infância em sua complexidade. Poucas obras abordavam o cotidiano infantil ou promoviam uma experiência prazerosa de leitura.

Com o advento da escrita e a popularização dos livros, a contação de histórias passou a incorporar elementos visuais e sonoros, como fantoches, músicas, palcos e imagens ilustrativas, tornando-se uma prática mais envolvente. Silva (2017) destaca que, ao contrário da leitura tradicional, a contação exige improvisação, interação e criatividade, permitindo adaptações que enriquecem a experiência narrativa. Esse dinamismo foi essencial para a consolidação da literatura infantil, que passou a adaptar enredos originalmente voltados ao público adulto para atender ao universo simbólico das crianças.

Atualmente, a literatura infantil tem sido amplamente reconhecida como uma ferramenta importante para o desenvolvimento humano, especialmente na infância. Matos (2016) ressalta que essa prática promove avanços cognitivos, sociais e emocionais, ao mesmo tempo em que estimula o respeito, a imaginação e a ludicidade. Através da escuta atenta, as crianças entram em contato com palavras que acolhem, fortalecem a autoestima e despertam o prazer pela linguagem.

No contexto da educação infantil, a contação de histórias assume papel pedagógico fundamental, sobretudo para crianças que ainda não dominam a leitura. Conforme Santos (2014), essa prática estimula a curiosidade, a atenção, a criatividade e o gosto pela leitura, além de preparar as crianças para se tornarem leitoras autônomas e críticas. O uso de vocabulário acessível e estratégias de

narração bem elaboradas – com variação de entonação, pausas e expressividade – facilita a compreensão textual e contribui para a formação de leitores proficientes.

A prática regular de contação em ambientes como escolas, creches e lares fortalece os vínculos afetivos entre adultos e crianças, além de promover avanços significativos no desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Matos (2016) afirma que ouvir histórias amplia o vocabulário, favorece a atenção e forma o hábito de buscar na leitura um meio de entretenimento e aprendizado. Assim, contar histórias é abrir janelas para o mundo, ajudando as crianças a estruturarem sua visão de realidade.

O papel do narrador é essencial nesse processo. De acordo com Vieira (2014), é ele quem conduz a atenção da criança, desperta sua curiosidade e favorece o prazer da escuta. Ao mergulhar nas narrativas, os pequenos vivenciam emoções intensas, aprendem a enfrentar desafios e compreendem a dualidade entre o bem e o mal, internalizando valores como coragem, empatia e resiliência (Matos, 2016).

Diante de um cenário marcado por transformações sociais e excesso de informações, que muitas vezes geram ansiedade e insegurança, a contação de histórias se apresenta como um recurso eficaz para a reflexão, a autocompreensão e o enfrentamento das mudanças. Contos de fadas, por exemplo, tratam de temas universais como o medo, a perda e a superação, sendo particularmente atrativos para o público infantil. Como destacam Davim et al. (2018), esses contos, quando associados à participação da família e da escola, potencializam o desenvolvimento emocional e linguístico das crianças.

Na prática pedagógica, a contação de histórias pode ser enriquecida com o uso de materiais visuais e táteis, como fantoches, painéis ilustrativos e dobraduras. Santos (2014) ressalta que, para que a atividade seja eficaz, o educador deve se preparar com antecedência, selecionando um vocabulário adequado à faixa etária dos alunos e empregando técnicas narrativas que mantenham o interesse da turma. Essa preparação permite que a história seja vivenciada como uma verdadeira imersão no mundo do imaginário.

A contação de histórias também favorece a articulação entre a realidade da criança e o universo literário. Conforme Santos (2014), os contos infantis permitem identificar situações do cotidiano, como amizades, escola, família e desafios, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada. Assim, o imaginário

torna-se uma ponte para o desenvolvimento da criatividade, do senso crítico e da consciência social.

Para alcançar tais objetivos, o ambiente de leitura deve ser acolhedor e organizado. Pais e professores desempenham papel central nesse processo, incentivando a leitura e a contação de histórias como atividades rotineiras. Como aponta Rodrigues (2014), essa vivência consistente contribui para a formação de leitores apaixonados, capazes de levar o hábito da leitura para além do espaço escolar.

A arte de contar histórias exige não apenas técnica, mas também sensibilidade e envolvimento. O narrador deve atuar como um mediador entre o mundo real e o fictício, utilizando a linguagem verbal e não verbal para criar uma experiência memorável. Caiado (2017) destaca que essa prática promove o diálogo e o compartilhamento de saberes, conectando crianças e adultos por meio da linguagem e da emoção.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2016), ser um leitor competente vai além de decodificar palavras: envolve compreender, fantasiar e relacionar textos com as experiências individuais. Ao entrar no universo ficcional, a criança exercita habilidades intelectuais fundamentais, como diferenciar o real do imaginário e transitar criativamente entre ambos.

Rodrigues (2014) também enfatiza que a escuta de histórias auxilia na organização do pensamento infantil, contribuindo para o desenvolvimento de princípios éticos, fortalecimento da autoestima e inserção social. O ato de ouvir histórias se configura como um momento de encantamento e descoberta, capaz de provocar emoções, resgatar memórias e apontar caminhos para o crescimento pessoal e intelectual das crianças.

3.2. O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO

A literatura infantil exerce um papel essencial no processo de alfabetização, sendo reconhecida como um recurso pedagógico poderoso para estimular o desenvolvimento linguístico, cognitivo, emocional e social das crianças. Estudos e pesquisas têm enfatizado cada vez mais a importância da leitura desde os primeiros anos de vida, evidenciando seus impactos significativos tanto na aquisição da

linguagem quanto na formação integral do sujeito.

De acordo com Silva e Ribeiro (2017), a literatura infantil vai além do simples entretenimento, pois desperta o interesse pela leitura, ao mesmo tempo em que favorece a compreensão das estruturas linguísticas e a ampliação do repertório vocabular. Os autores afirmam que:

"a leitura de histórias infantis promove a familiarização com a linguagem escrita, o que é essencial para o sucesso no processo de alfabetização" (p. 45).

Essa familiarização é um fator decisivo para que a criança estabeleça conexões entre a oralidade e a linguagem escrita, tornando a transição entre esses dois domínios mais fluida e eficaz. O contato frequente com narrativas bem estruturadas contribui para a consolidação de habilidades como a percepção fonológica, a identificação de palavras e a construção do sentido textual.

Além do aspecto linguístico, a literatura infantil também atua na formação de leitores críticos e criativos. Oliveira (2020) ressalta que :

"a exposição a diferentes gêneros literários desde a infância contribui para o desenvolvimento da capacidade de interpretação e análise textual, habilidades fundamentais para a alfabetização plena" (p. 32).

Ao ter acesso a uma variedade de textos – como contos, fábulas, poesias e narrativas contemporâneas – a criança é convidada a explorar diferentes formas de expressão, o que enriquece sua experiência com a linguagem e estimula o pensamento reflexivo. Esse processo favorece não apenas a aquisição da leitura e da escrita, mas também a formação de sujeitos ativos e questionadores em seu meio social.

O componente afetivo da leitura também merece destaque. Segundo Souza e Lima (2020) "a leitura compartilhada de histórias fortalece os vínculos afetivos entre adultos e crianças, criando um ambiente propício para a aprendizagem" (p. 78). Ao serem inseridas em contextos de leitura mediada e prazerosa, as crianças desenvolvem uma relação positiva com os textos, sentindo-se emocionalmente seguras para se expressar, experimentar a linguagem e, assim, avançar no processo de alfabetização. A interação afetiva durante a leitura contribui para a construção de uma memória emocional associada ao ato de ler, o que pode resultar em maior engajamento e motivação ao longo da trajetória escolar.

Por fim, a literatura infantil também desempenha uma função formativa no

campo ético e social. Para Almeida (2020):

"as histórias infantis, ao abordarem temas como empatia, diversidade e resolução de conflitos, ajudam as crianças a compreenderem melhor a si mesmas e ao mundo ao seu redor" (p. 56).

Ao entrarem em contato com narrativas que tratam de questões humanas universais, as crianças desenvolvem habilidades socioemocionais importantes, como o respeito ao outro, a escuta sensível e a capacidade de conviver com a diversidade, o que repercute diretamente na qualidade de suas interações e na construção de uma cidadania mais consciente.

Em síntese, a literatura infantil configura-se como um instrumento indispensável para o processo de alfabetização, não apenas por favorecer o domínio da linguagem escrita, mas também por contribuir para a formação de sujeitos críticos, criativos e empáticos. Como evidenciam as pesquisas de Silva e Ribeiro (2017), Oliveira (2020), Souza e Lima (2020) e Almeida (2020), a leitura literária é capaz de integrar os múltiplos aspectos do desenvolvimento infantil, tornando-se, assim, um aliado estratégico e humanizador da prática pedagógica alfabetizadora.

3.3. O PROFESSOR E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O professor, no contexto da educação infantil, desempenha o papel de mediador e facilitador do processo de aprendizagem. Sua atuação vai além da transmissão de conteúdos, pois busca promover o desenvolvimento integral das crianças, estimulando suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais. Ao propor atividades significativas, o educador contribui para a formação de indivíduos críticos, conscientes e participativos, fortalecendo os fundamentos da cidadania desde os primeiros anos escolares (Caetano et al., 2021).

A contação de histórias, inserida nesse cenário pedagógico, assume uma função relevante ao despertar o interesse pela leitura e ampliar o universo imaginativo das crianças. Cabe ao professor selecionar as obras com critérios bem definidos, considerando a qualidade do texto, a clareza da linguagem e a capacidade de envolver os pequenos ouvintes. Quando essa prática é incorporada de forma sistemática à rotina escolar, ela favorece a apropriação da linguagem, além de incentivar a recontagem oral das narrativas por parte das crianças, fortalecendo suas habilidades expressivas (Silva, 2017).

Como narrador, o professor deve adotar estratégias que tornem a leitura mais cativante, utilizando recursos como a exploração das imagens presentes no livro, uma entonação expressiva e a interação com o público infantil por meio de perguntas e diálogos. Além disso, é essencial proporcionar um ambiente acolhedor e estimulante, onde o acesso aos livros seja facilitado, incentivando a curiosidade, a afetividade, a criatividade e a vivência de valores como empatia, amor e respeito (Davim et al., 2018).

A literatura infantil, com seu caráter lúdico e narrativo, atende de forma eficaz às demandas do desenvolvimento infantil, unindo aprendizado e prazer. Ao brincar com as palavras e com os enredos, a criança se envolve com o conteúdo de maneira espontânea, desenvolvendo competências fundamentais por meio de jogos simbólicos, dramatizações e conversas. Desde os livros ilustrados até encenações e recursos multimídia, a literatura se apresenta como um recurso essencial no processo de ensino-aprendizagem (Caiado, 2017).

Para que a contação de histórias cumpra seu papel educativo, é necessário seguir diretrizes que despertem a curiosidade e encantem as crianças, conectando-se diretamente com sua imaginação e criatividade. A narrativa deve provocar emoções, possibilitar múltiplas interpretações e incentivar a construção de diferentes sentidos, especialmente na educação infantil, onde o envolvimento afetivo com a história é determinante para o aprendizado (Amarilha, 2016).

Nesse processo, é importante que o contador de histórias utilize uma linguagem clara e envolvente, adaptada à realidade emocional e cognitiva da criança. O uso de repetições, ritmos, sons e elementos simbólicos contribui para tornar a narrativa mais acessível e estimulante. Uma história bem contada, com entusiasmo e sensibilidade, desperta o interesse genuíno das crianças, favorecendo o desenvolvimento de competências emocionais e intelectuais (Caetano et al., 2021).

Na fase pré-escolar, narrativas simples, com temas relacionados ao cotidiano da criança — como relações familiares, animais, brincadeiras e interações sociais — são especialmente eficazes. Crianças por volta dos três anos se beneficiam de histórias com estruturas repetitivas e ritmadas, que auxiliam na memorização e no aprendizado da linguagem (Amarilha, 2016). Já por volta dos quatro anos, é possível observar um avanço na imaginação: as crianças começam a criar personagens fictícios, interagir com brinquedos de forma simbólica e manifestar prazer em ouvir

as mesmas histórias repetidamente, reconhecendo novos detalhes a cada leitura. Essa fase, que pode se estender até os sete anos, marca uma transição para narrativas mais complexas, que envolvem temáticas como natureza, circo e aventura — assuntos que refletem a realidade e os interesses da criança (Caiado, 2017).

Segundo Caetano et al. (2021), conforme evoluem suas habilidades linguísticas e cognitivas, as crianças passam a buscar narrativas mais elaboradas, com conteúdos que ampliam seu conhecimento e desafiam sua compreensão do mundo. Assim, o papel do professor como contador de histórias exige sensibilidade para adaptar os enredos às diferentes fases do desenvolvimento infantil, tornando a contação uma prática pedagógica que vai além do entretenimento, atuando como instrumento de formação intelectual, emocional e cultural.

3.4. LEITURA, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A SALA DE AULA

A prática da leitura, como afirma Villard (1999), não se limita à simples decodificação de símbolos escritos – como ler frases ou textos. Vai além do ato mecânico, sendo uma atividade que envolve sentidos e significados. Nesse sentido, Sampaio, Torres e Souza (2015, p. 12) complementam que “a leitura possibilita ao leitor vivenciar mundos encantados, mágicos, fascinantes, mas também o universo de desilusões, medos e angústias”. Assim, mesmo que uma criança ainda não saiba decodificar as palavras, ela é capaz de realizar uma leitura interpretativa por meio de imagens, o que estimula sua criatividade e desenvolve sua capacidade de imaginar, narrar e construir realidades que talvez escapem aos leitores mais experientes.

Esse processo de interpretação, portanto, aproxima a criança do universo leitor desde cedo. Como pontua Villard (1999, p. 03), “[...] o ato de ler é fundamental não apenas na formação acadêmica do aluno, mas também na formação do cidadão”. Isso mostra que o incentivo à leitura ultrapassa os muros escolares e contribui para o desenvolvimento pessoal, social e crítico do indivíduo. A familiarização precoce com os livros propicia não apenas o acesso ao conhecimento do mundo, mas também o autoconhecimento, o que amplia a consciência e a responsabilidade social do sujeito.

Sampaio, Torres e Souza (2015, p. 13) corroboram essa perspectiva ao afirmarem que “pensar a leitura, no sentido amplo, requer entendê-la como possibilidade de autoconhecimento, por vezes negada, enquanto direito. O ato de

ler, quando favorece o engajamento do leitor, transporta-o a viagens [...]”.por meio do imaginário. Dessa forma, a leitura deve ser compreendida como uma experiência transformadora que enriquece o repertório e promove a criatividade.

No contexto escolar, porém, a literatura ainda é frequentemente tratada de forma superficial, reduzida à análise de elementos formais dos textos ou à conexão com temas didáticos. Essa abordagem limitada, segundo Amarilha (2012), distancia a literatura do seu potencial de encantar e envolver a criança, sendo usada apenas como um recurso para manter a disciplina em sala, o que compromete seu objetivo maior de criar vínculos afetivos com os livros e as histórias.

Para reverter esse cenário, é preciso que o momento de leitura na escola seja conduzido de forma envolvente, tornando as crianças participantes ativas. Amarilha (2012) destaca a importância da relação entre o narrador e o ouvinte, ressaltando que essa interação deve envolver gestos, expressões, sons e entonações, para que a escuta se torne significativa. Dessa forma, a contação de histórias passa a fazer parte do cotidiano da sala de aula, demandando preparo e envolvimento de quem conta e de quem escuta.

Ao vivenciar a contação de histórias, a criança experimenta o prazer de ler e desenvolve um vínculo afetivo com os livros. Abramovich (2009, p. 143) afirma que:

“Ao ler uma história, a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí, ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar a opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo.”

A leitura, portanto, deve ser uma prática constante e dinâmica, que favoreça a construção do conhecimento e incentive a imaginação e o pensamento crítico. O reconto, por sua vez, oferece à criança a possibilidade de criar, reinventar e se expressar de maneira singular. Nesse processo, ela passa a utilizar tanto suas experiências internas quanto os estímulos externos para desenvolver sua compreensão do mundo.

Bezerra (2020, p. 159) ressalta que:

“[...] faz-se necessário a mobilização de fatores como a emoção e a entrega de quem executa a ação de contar histórias, visando com isso despertar a

emoção e a alegria do público, que ao interagir na atividade de contação de histórias, favorece o crescimento pessoal e profissional [...]”.

Isso demonstra que a contação de histórias deve ser compreendida como um processo formativo e interativo, no qual narrador e ouvinte constroem juntos o conhecimento. Além disso, essa prática contribui diretamente para o desenvolvimento da linguagem, da oralidade e da escuta atenta.

Entretanto, o incentivo à leitura não deve ser uma responsabilidade exclusiva da escola. A família, como primeiro espaço de convivência da criança, tem papel essencial nesse processo. Como destacam Sampaio, Torres e Souza (2015, p. 13, grifo das autoras):

“Diante da necessidade real de incentivo pelo gosto de ler, precisa-se considerar a formação do leitor como uma atividade que deve ser assumida por diversas instituições (família, escola, igreja, dentre outras) e não apenas uma responsabilidade da escola [...]”.

É fundamental, portanto, que a leitura seja um valor compartilhado por toda a comunidade, tornando-se parte da formação cultural e pessoal da criança

Os estudos em literatura infantil revelam que a contação de histórias é um recurso eficaz para o processo de ensino-aprendizagem, pois desperta o desejo de conhecer e imaginar. Ela favorece a compreensão de textos, imagens e outros elementos multimodais, além de contribuir para o aprimoramento da fala e da escrita, sendo benéfica não apenas para os alunos, mas também para os professores, já que estimula um trabalho coletivo e sensível às necessidades da criança.

O reconto, nesse contexto, permite que a criança projete sua imaginação e se reconheça nas histórias, utilizando esse exercício como forma de expressão e elaboração de sua identidade. Como afirma Vygotsky (1991, p. 62):

“A imaginação é uma nova formação que não está presente na consciência da criança mais nova, totalmente ausente nos animais e representa uma forma especificamente humana de atividade consciente. Como todas as funções da consciência, ela também surge originalmente da ação.”

A imaginação, portanto, é um aspecto essencial do desenvolvimento humano e deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida. Ao valorizar esse potencial, a escola contribui para a formação de sujeitos criativos, autônomos e conscientes de seu papel no mundo.

Sampaio, Rêgo e Saldanha (2020) reforçam que o leitor não é um ser passivo, mas alguém que dialoga com o texto. Por isso, o reconto, realizado após a escuta de histórias, torna-se uma oportunidade valiosa para compreender como a leitura impacta o universo interno da criança.

Em especial na fase da alfabetização, a contação de histórias assume papel central, pois a criança passa a se ver nas narrativas, a interpretar personagens e a se envolver com o enredo. Como defende Abramovich (2009, p. 16):

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-la é o início de aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão de mundo.”

Esse encantamento é fundamental para despertar o interesse genuíno pela literatura, ampliando o vocabulário, fortalecendo a escrita e aprofundando a compreensão do mundo. Trata-se de um processo rico, que transforma o ato de contar e recontar em um instrumento poderoso de ensino, descoberta e formação integral do sujeito.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A contação de histórias é uma prática pedagógica que vai muito além de simplesmente entreter as crianças. Ela está profundamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, especialmente na educação infantil. Com base nas contribuições de diversos estudiosos, como Matos (2016), Santos (2014) e Vieira (2014), podemos perceber a importância da contação de histórias na formação integral do indivíduo desde os primeiros anos de vida.

De acordo com a literatura analisada, a contação de histórias desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo das crianças. Silva (2017) destaca que a prática de contar histórias estimula a curiosidade, a atenção e a criatividade, elementos fundamentais para o desenvolvimento intelectual. Esse processo é essencial, pois envolve a criança com narrativas que ativam diferentes áreas do cérebro, favorecendo o raciocínio lógico, a memória e a linguagem. Quando as crianças ouvem uma história, elas não apenas processam as palavras e seus significados, mas também interpretam os acontecimentos e personagens, exercitando a capacidade de compreender relações causa-efeito, estabelecer

conexões entre os fatos e reconhecer padrões.

Além disso, a contação de histórias permite que as crianças entrem em contato com vocabulários mais ricos e diversificados, ampliando suas habilidades linguísticas e favorecendo o desenvolvimento da linguagem oral. Como Matos (2016) ressalta, a escuta atenta fortalece a autoestima das crianças, contribuindo para o prazer pela linguagem e a vontade de se expressar. Isso é corroborado por Silva e Ribeiro (2017), que apontam que a leitura de histórias infantis promove a familiarização com a linguagem escrita, essencial para o sucesso no processo de alfabetização.

O impacto da contação de histórias no desenvolvimento social e emocional das crianças também foi amplamente discutido. De acordo com Santos (2014), a prática não apenas promove o desenvolvimento da linguagem, mas também fortalece os vínculos afetivos entre educadores, pais e crianças. A interação criada durante a contação de histórias cria um ambiente de afeto e confiança, favorecendo a construção de uma relação positiva com a aprendizagem e a leitura.

Além disso, histórias com temas como amizade, superação de desafios e resolução de conflitos ajudam as crianças a compreender melhor o mundo ao seu redor. Conforme Almeida (2020), as histórias infantis desempenham um papel formativo no campo ético e social, ensinando as crianças a respeitar a diversidade, a desenvolver empatia e a entender melhor suas próprias emoções. A contação de histórias também permite que as crianças se identifiquem com os personagens e os enredos, criando uma experiência emocionalmente significativa que contribui para a sua formação ética e emocional.

A partir dos contos, as crianças podem vivenciar situações que, em muitos casos, se assemelham às suas próprias experiências, ajudando-as a compreender melhor os sentimentos de medo, insegurança, frustração e alegria. Segundo Caiado (2017), a escuta ativa de histórias envolve as crianças emocionalmente e cognitivamente, sendo uma ferramenta poderosa para lidar com questões emocionais e sociais que afetam o cotidiano delas.

A atuação do professor como mediador no processo de contação de histórias é essencial para garantir que a prática seja eficaz no desenvolvimento das crianças. O educador, ao contar uma história, não se limita a ser um simples narrador, mas deve ser um facilitador do processo de aprendizagem, utilizando sua criatividade e

sensibilidade para envolver as crianças de maneira significativa. Como ressaltado por Caetano et al. (2021), o professor deve selecionar histórias com qualidade literária e que estejam de acordo com as necessidades emocionais e cognitivas da faixa etária dos alunos, adaptando a linguagem e as estratégias narrativas.

O uso de entonação, gestos, expressões faciais e a interação constante com o público infantil são elementos fundamentais para tornar a contação uma experiência prazerosa e educativa. O professor deve buscar cativar as crianças, incentivando-as a participar ativamente por meio de perguntas, discussões e até mesmo dramatizações. Silva (2017) e Caiado (2017) afirmam que a prática de contar histórias não deve ser limitada a um único momento isolado, mas sim integrada à rotina pedagógica, permitindo que as crianças se envolvam cada vez mais com os livros e com o prazer da leitura.

A relação entre a contação de histórias e o processo de alfabetização também é um ponto crucial discutido neste estudo. Como evidenciado por Silva e Ribeiro (2017) e Oliveira (2020), a literatura infantil é uma das ferramentas mais poderosas para a alfabetização das crianças, pois favorece o contato precoce com a linguagem escrita. Através da escuta das histórias, as crianças estabelecem conexões entre a oralidade e a leitura, o que facilita o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

A prática da contação de histórias ajuda as crianças a se familiarizarem com a estrutura textual, com a organização de ideias e com o significado das palavras e frases. Isso, por sua vez, contribui para a sua capacidade de decodificar símbolos escritos e compreender o conteúdo das palavras escritas. Além disso, como apontado por Oliveira (2020), a exposição a diferentes gêneros literários estimula a capacidade crítica e reflexiva das crianças, permitindo-lhes desenvolver habilidades interpretativas e analíticas que são essenciais para uma alfabetização plena.

A análise do papel da contação de histórias no contexto escolar revela que, embora essa prática seja amplamente reconhecida como fundamental, ela ainda não é suficientemente valorizada ou explorada de forma sistemática nas escolas. Em muitos casos, a leitura é abordada de maneira superficial, sem o devido envolvimento e encantamento que as crianças merecem. Como destaca Amarilha (2012), a literatura não deve ser reduzida a um simples recurso didático ou de manutenção da disciplina, mas deve ser utilizada para despertar emoções, criar vínculos afetivos e estimular a imaginação.

No entanto, é possível observar que quando a contação de histórias é

integrada de maneira eficaz ao currículo escolar, ela se torna uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento global das crianças, promovendo o aprendizado de uma forma envolvente e significativa. Para isso, o ambiente de leitura deve ser acolhedor e estimulante, e a prática de contar histórias deve ser encarada como uma parte essencial da rotina pedagógica, como sugerido por Sampaio, Torres e Souza (2015).

Em síntese, a contação de histórias é uma prática pedagógica essencial que contribui de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e linguístico das crianças na educação infantil. Ela permite que as crianças se conectem com o mundo literário de maneira envolvente e estimulante, ajudando-as a desenvolver habilidades essenciais para sua formação intelectual e pessoal. A atuação do professor como mediador e facilitador desse processo é fundamental para garantir que a prática seja eficaz e impacte positivamente o aprendizado das crianças. Além disso, a contação de histórias não apenas favorece o desenvolvimento da linguagem e da alfabetização, mas também fortalece vínculos afetivos, estimula a empatia e promove uma visão mais crítica e criativa do mundo. Portanto, é necessário que as instituições de ensino e as famílias reconheçam a importância dessa prática e a tornem uma parte integrante da formação das futuras gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAS

A prática da leitura e a contação de histórias desempenham um papel fundamental no processo de desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças, principalmente no contexto escolar. Como vimos ao longo do trabalho, a leitura vai além da simples decodificação de palavras; ela envolve a interpretação, a imaginação e a construção de sentidos, aspectos essenciais para o amadurecimento intelectual do indivíduo. A leitura, quando realizada de forma prazerosa e significativa, pode expandir as fronteiras da compreensão, permitindo que a criança vivencie mundos fictícios e reais, compreendendo suas próprias emoções e a realidade ao seu redor.

A contação de histórias, por sua vez, configura-se como uma prática rica que, quando realizada de maneira envolvente e interativa, não só favorece o prazer pela leitura, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades linguísticas,

cognitivas e sociais. O momento de ouvir e, posteriormente, de recontar a história, permite à criança expressar sua criatividade, refletir sobre os personagens e situações, além de tornar-se ativa no processo de aprendizagem. A contação de histórias, ao ser sistematizada e realizada de forma constante, é um meio eficaz de aproximar o aluno do universo literário e fortalecer sua relação com a leitura.

Ademais, a formação do leitor é uma responsabilidade compartilhada entre escola, família e comunidade. A escola, como espaço de aprendizado formal, tem o papel crucial de criar condições favoráveis para que a leitura se torne um hábito prazeroso e contínuo, ao passo que a família exerce um papel de apoio essencial, criando um ambiente literário desde os primeiros anos de vida. A parceria entre essas duas instituições é indispensável para que a formação leitora seja plena e efetiva.

Através da leitura e da contação de histórias, a criança se torna mais do que uma simples receptora de conteúdos. Ela se torna um sujeito ativo no processo de construção do conhecimento, desenvolvendo habilidades críticas e criativas que a acompanharão ao longo de sua vida. A partir desse processo, ela também se torna mais consciente de seu papel na sociedade, podendo refletir sobre o mundo à sua volta e sobre suas próprias ações.

Portanto, ao estimular a leitura e a contação de histórias desde cedo, estamos não apenas promovendo o aprendizado acadêmico, mas também contribuindo para a formação de indivíduos mais críticos, criativos e engajados socialmente. A prática da leitura e a contação de histórias são, sem dúvida, ferramentas poderosas que, se bem aplicadas, têm o potencial de transformar o processo educativo, levando a criança a se reconhecer como parte ativa de sua própria formação e da sociedade em que vive.

Ao finalizar este estudo, é possível afirmar que a leitura e a contação de histórias devem ser inseridas de forma constante e estruturada no cotidiano escolar, com o intuito de garantir uma formação leitora ampla e significativa. Desse modo, a criança poderá desenvolver não apenas habilidades técnicas de leitura, mas também a capacidade de pensar, criar e transformar a realidade ao seu redor, tornando-se um agente ativo de seu próprio aprendizado e da sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009

ALMEIDA, Débora Rodrigues de. *Literatura Infantil e formação de leitores: novos horizontes para a abordagem do texto literário nos anos iniciais do ensino fundamental*. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) — Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

AMARILHA, M. Educação e leitura: trajetória de sentidos. *Revista Educação em Questão*. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8471>>.

AMARILHA, M. Silêncio e hora da narrativa na escola. In: AMARILHA, M. *Estão mortas as fadas: literatura infantil e prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes: Natal: EDUFRN, 2012

BEZERRA, K. G. C. S. Expressão criativa subjetividade na contação de histórias no programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas - BALE. 245 f. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília. 2016. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. A

CAETANO, BG; SILVA, AC. A importância da contação de histórias na educação infantil. 2021. Disponível em: <<https://revista.fcc.edu.br/index.php/tcc-pedagogia/article/view/64>>

CAIADO, EC. Como contar histórias. 2017. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/como-contar-historias.htm>>

DAVIM, MVC; DAVIM, RMB; SILVA, DC. Análise reflexiva sobre importância no ato de contar histórias na educação infantil. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Pc/Downloads/wandenf,+Art+30.+10113-89963-1-SM+AN+EN+ok.pdf>.

GIL, AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010

MATOS, GA. A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade. 2016. Disponível em: <<http://www.gislaynematos.com.br/produtos/livros/livros%20e%20cadernos.html>>.

OLIVEIRA, C. Literatura infantil e formação de leitores: uma análise crítica. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, v. 25, n. 2, p. 30-40, 2020.

RODRIGUES, MHV. A contação de história na educação infantil. 2014. Disponível

em:

< <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/26896/1/MHVR04042014.pdf>>.

SAMPAIO, M. L. P. TORRES, M. G. P. SOUZA, M. H. F. Ler é encantar-se, configurar-se e transformar-se numa 'terceira história': a autoformação no programa biblioteca ambulante e literatura nas escolas (BALE). Leitura em Revista iLer/ Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio n. 8, 2015. Disponível em: https://iiler.puc-rio.br/ler_anteriores/Ler-8.pdf.

SAMPAIO, M. L. P. RÊGO, R. Q. SALDANHA, D. M. L. L. Estratégias de mediação da leitura de textos literários no Programa Bale Micaelense. Revista Entreletras, Araguaína, v. 11, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/ACER/AppData/Local/Temp/7356-Texto%20do%20artigo-40583-1-10-20200501.pdf>

SANTOS, MRE. A contação de história na educação infantil na escola. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa, 2014.

SILVA, Euzilene; RIBEIRO, Janete. A importância da literatura na educação infantil. *Revista Eletrônica Científica Inovação Xe Tecnologia*, v. 8, 2017. DOI: 10.3895/recit.v8.n22.4766.

SILVA. RSL. A arte da contar histórias na educação infantil. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/9953/6359>>.

SOUZA, A.; LIMA, P. O papel afetivo SYSTEMIC. *Dicas para formação de professores bilíngues: o que é preciso saber para começar*. 2024. Disponível em: <https://blog.systemic.com.br/blog-systemic/dicas-para-formacao-de-professores-bilingues-o-que-e-preciso-saber-para-comecar>.

VIEIRA, DD; BRITO, LTA. A contação de histórias na educação infantil. 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade_1datahora_14_11_2014_23_59_06_idinscrito_3205_c91b5ae5d6c85ee10a17c963c3ada4d0.pdf>

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf.

VILLARD, R. Ensinando gostar de ler e formando leitores para vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.